

HISTÓRICO Nº 02 – Associação de Costura Acostumei

E a história continua...

Duas trabalhadoras do Centro Espírita Meimei presentes, desde o início da Instituição, Cida Francisco e Sônia Beatriz Bonardi foram entrevistadas e transmitiram experiências marcantes e emocionantes sobre o histórico da Casa, dando continuidade à matéria anterior.

Do Núcleo de Redação: Magda Sílvia Denogá e Maria Lina Cunha



Maria Aparecida de Oliveira Francisco (Cida Francisco)

RE: Quando e como conheceu a Cidinha Del Moro?

Cida Francisco: Eu trabalhava no açougue com meu marido e lá eles (A Cida Del Moro e o marido, Senhor Marino) iam sempre comprar carne. Naquela época, ela me ajudou muito, porque eu tinha problemas e ela sempre tinha palavras de amor,, eu tinha os filhos pequenos e ela tinha mais experiência, por conta de ter mais filhos do que eu.

RE: Há quanto tempo está na Instituição?

Cida Francisco: Comecei a colaborar na Bernardino de Campos. Na casa

da Cidinha. Há 34 anos. Eu entrei na costura, quando meu pai faleceu, em 1985. Após esse acontecimento, fiquei muito triste e a Cidinha me convidou para ir à costura; eu passava um paninho aqui e ali, conversava bastante com o Jael, filho dela, que requeria cuidados especiais.

RE: Você começou a colaborar em qual endereço?

Cida Francisco: Uma semana depois de meu pai falecer, comecei a participar da costura à Rua Bernardino de Campos. Lá, eu fui aprendendo os segredos dessa arte, sob a orientação da Cidinha. A atividade desenvolvida era somente a costura e, quando terminava, tínhamos algumas crianças para dar o passe; ali eu comecei a aprender, ficando junto dela.

RE: O que fazia na instituição naquela época quando conheceu a Cidinha?

Cida Francisco: A costura era na casa dela, tinha uma espécie de porão que Senhor Marino programou para as atividades da costura. Nós tínhamos na costura um senhor, que dizia sempre assim: *Vocês precisam abrir um Centro*. Utilizamos por um tempo uma sala no Centro Espírita Obreiros do Bem. Ficamos lá por um tempo. Éramos dez pessoas inicialmente. De repente, passamos a ser 20 e, nesse momento, o Obreiros do Bem não pode mais ceder a sala. Sr. Jeremias, dirigente da Instituição, nos informou que precisávamos abrir um centro. Ela (a Cidinha Del Moro) ligou para mim e disse para que não fôssemos mais ao Centro, íamos à costura fazer uma prece e iríamos para outro lugar. Fomos lá, depois fomos para casa e comentei o ocorrido com meu marido Antonio. Fomos dormir e, no dia seguinte, tinha uma chave na mesa da sala, e ele falou assim para mim: *Desce e fala para a Cidinha se o salão do lado do açougue serve para vocês trabalharem um pouco*. Então, ali naquele salão, ficamos dois anos. Era um salão encostado ao açougue, à Rua Alexandre Fleming e, de lá, viemos para cá (à Rua Guarujá), em 1988.

RE: O que você faz atualmente na instituição?

Cida Francisco: Eu tinha mediunidade desde pequena. Mas não sabia nada a respeito, eu era católica, né?! Mas, logo, comecei a trabalhar mediunicamente. A Cidinha, além de se dedicar à mediunidade, era muito trabalhadora, fazia jantar, mousse e feijoada, com o objetivo de obter recursos para construção e reforma da casa. Mesmo nessa casa,

ela batalhou muito. A nossa Casa mudou muito, a exemplo da cozinha que era um quintal.

Desde que comecei a trabalhar nesta Casa, nunca parei. Meu sonho sempre foi trabalhar na desobsessão e a Cidinha me colocou para trabalhar nessa área.

Hoje eu tenho dois trabalhos mediúnicos, participo da diretoria, estou 2ª Vice-Presidente, sou membro do Conselho Doutrinário e ajudo Sr. Merhy na Assistência Espiritual, às sextas feiras.

RE: E a sopa como começou?

Cida Francisco: A Cidinha não podia mexer com as roupas usadas, porque ela passava mal. Eu comecei a mexer com roupa. Comecei a fazer o bazar fora, estava sempre em cima de um caminhão. E, com o avanço da idade, falei para ela que não tinha mais condições de mexer com a roupa, pois não conseguia erguer mais peso. Também, minha perna começou a piorar, a ponto de precisar colocar uma prótese e fiquei com uma tristeza muito grande, porque era o meu trabalho.

Graças a Deus, com a bondade do plano espiritual, veio o irmão José (Espírito) para mim e me disse que eu precisava fazer sopa, mas eu dizia que eu não sabia fazer sopa, só sabia fazer na minha casa.

A partir daí, fizemos uma reunião com trabalhadores do Centro. O César, hoje membro da Diretoria de nossa Casa, esteve sempre no trabalho desde, o começo, até hoje. Um problema que tínhamos que resolver foi a distribuição da sopa. Sonhei com o Irmão José e o vi, entrando na minha casa, com uma garrafa de Coca-Cola na mão. E ele disse: *Não tem onde pôr?* Ele me disse: *Faz assim* e separou as duas partes da garrafa ao meio. Aí, eu acordei, levantei, e fui correndo até a cozinha, ver se tinha uma garrafa de refrigerante, catei um estilete parti a garrafa e pronto, vi onde podia pôr a sopa. E meu marido admirado, perguntou: *O que é isso?* Respondi: O irmão José que veio aqui. E ele continuou: *E ele não podia vir de dia?* Eram duas horas da manhã. Temos os Espíritos que nos ajudam.

RE: O que a instituição significa para você?

Cida Francisco: É minha casa, minha vida, minha família, eu não sei viver sem vir aqui.

RE: Gostaria de dizer mais alguma coisa?

Cida Francisco: Gostaria de agradecer, o carinho que tive nessa casa, à Cidinha, à Candelária, e a certeza e confiança que eu era médium, que eu podia trabalhar. Agradecer muito à Cidinha, porque ela sempre me deu o que fazer me deu valor e depositou confiança em mim. Sempre que estou fazendo o evangelho, mando uns beijos para ela e para Candelária.

Ela me disse que, na porta da nossa Casa na Espiritualidade, tem um grande coração; e que as pessoas ao entrarem, passam por dentro dele.

RE: Suas considerações finais.

Cida Francisco: Temos que ter fé, perseverar sempre e trazer, no coração a certeza que, amanhã será sempre melhor.

.....



Sônia Beatriz Bonardi

RE: : Quando e como conheceu a Cidinha Del Moro?

Sônia Beatriz: Através de uma senhora que trabalhava com ela na Costura, por nome Cecília Meireles, minha conhecida, trabalhava na Costura e na casa da Cidinha,

RE: Há quanto tempo está na Instituição?

Sônia Beatriz: Há 44 anos.

RE: Você começou a colaborar em qual endereço?

Sônia Beatriz: Comecei na residência de Dona Cida, à Rua Bernardino de Campos, 1.617. Num quarto na casa dela. Isto, no ano de 1975.

RE: O que fazia na instituição naquela época quando conheceu a Cidinha?

Sônia Beatriz: Eu cortava fraldas de pano, e emendava pedacinhos de tecido para fazer os paletozinhos de bebê. Depois da Bernardino, a Costura foi para a Rua Guarujá (sala três) e, finalmente, para o Royal Park. Desde que começou a sopa, comecei a trabalhar colaborando na preparação. De manhã, ajudava D. Cidinha a preparar tecidos para as costureiras do período da tarde, e, em seguida ia ajudar na preparação da sopa, isso às quartas-feiras. Também, quando o Centro veio para Rua Guarujá, comecei a trabalhar no desenvolvimento mediúnico, segunda à noite.

O trabalho de passes de quinta a noite fomos nós que o começamos, contando com Da. Lucila, mãe da Luiza, a Luiza e seu marido Bráulio, eu e outras companheiras.

Juntamente com a Silvia Helena, Luiza e outras colaboradoras também iniciaram a Evangelização infantil na Meimei, mesmo porque na Rua Bernardino de Campos, junto com a Costura, também tínhamos a Evangelização infantil.

Em outra oportunidade, trabalhei nos serviços de Passe, sob a coordenação do Sr Rui. Ele sempre trabalhava em dupla, muito integro prudente, sempre tinha uma pessoa em sua companhia, quando no atendimento às pessoas na câmara de passe.

Parei com a costura, quando a Cidinha parou de ir no período da manhã, por conta dela não estar se sentindo bem e comecei, nesse período, a trabalhar com o setor de roupas doadas. A Cidinha foi sempre perseverante e muito trabalhadora.

RE: O que você faz atualmente na instituição?

Sônia Beatriz: Na quarta feira de manhã D. Cida do Bem e eu fazemos a triagem de roupas doadas, destinadas aos Bazares da Amizade e doações

a pessoas carentes. Antes das 12 horas, colaboro na preparação da sopa. Às segundas de manhã, participo do trabalho mediúnico e às sextas feiras à noite da Assistência Espiritual. Hoje, com muita honra, estou respondendo pela Presidência do Centro..

RE: O que a instituição significa para você?

Sônia Beatriz: A vida da gente. Eu vim aqui com 22 anos. Após tanto tempo de dedicação, o Centro é a minha segunda casa.

RE: Suas Considerações Finais.

Sônia Beatriz: Quero enviar uma mensagem para quem está conhecendo o Centro Espírita. Temos que ser perseverantes e ter disciplina, em todos os momentos, aqui no ambiente do centro e fora dele – na certeza que, a gente tem que adquirir a força e coragem para perseverar e conduzir a nossa existência cristamente.